

O CORPO VISUAL E O *CORPUS* PLÁSTICO: ENTREVISTA COM ADRIANA TABALIPA ¹

THE VISUAL BODY AND THE PLASTIC CORPUS: INTERVIEW WITH ADRIANA TABALIPA

Christopher Jonathan Moro²

APRESENTAÇÃO

Não cabe a artista falar além do que já falou por meio de suas obras, as obras falam por si mesmas, elas são uma linguagem. Aqueles que pedem à artista a explicação de uma obra, não pedem um simples comentário, mas, antes, uma espécie de tradução. Nós, no entanto, não queremos nenhuma explicação das obras da entrevistada. O objetivo desta entrevista é outro: queremos conhecer o contexto da artista. Sendo assim, por meio desta entrevista, apresentamos aos leitores e leitoras algumas reflexões de Adriana Tabalipa (foto 1) a respeito de sua própria trajetória como artista visual, bem como sobre o modo como ela percebe ou entende certas noções e temas em sua prática artística. Visamos, em suma, mergulhar – mesmo que por alguns instantes apenas – no universo de Adriana Tabalipa, para, a partir de suas próprias palavras, conhecer seu olhar sobre algumas coisas.

Nascida em Curitiba, no ano de 1972, e radicada na cidade do Rio de Janeiro, Adriana Tabalipa é artista visual, performer, gravadora, pintora, desenhista e livre-pensadora. Atualmente, Tabalipa tem se dedicado à pintura, ao desenho e à *performance art*, sendo esta última o foco de ação de sua produção artística. Em 2012, pela editora Circuito, Tabalipa publicou o livro *The End Factory Project*, que não só contém uma seleção de ensaios sobre seu trabalho, como, também, reúne registros fotográficos de obras, exposições e performances realizadas pela artista entre o final dos anos 1980, quando iniciou seu percurso artístico, e 2012, ano da publicação do livro.

¹ A entrevista em questão ocorreu remotamente e foi gravada no dia 08 de agosto de 2021. As respostas foram selecionadas e transcritas pelo entrevistador a partir da gravação. A transcrição é, em sua maior parte, literal às respostas dadas pela entrevistada no momento da entrevista. Não obstante, a fim de evitar o truncamento do texto, bem como termos equívocos, o entrevistador e a entrevistada revisaram a entrevista e, em alguns casos, suprimiram, modificaram ou acrescentaram determinadas palavras. Por fim, é importante mencionar que a artista entrevistada aprovou esta versão da entrevista.

² Artista, Pesquisador e Professor de Filosofia. Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2019). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2023). E-mail para contato: christophermoro@ufpr.br



Foto 1: Adriana Tabalipa, por Jom Tabalipa. Open Source, performance art, Ponto de Convergência, Tropicalpão, Rio de Janeiro, 2022.

ENTREVISTA COM ADRIANA TABALIPA

Entrevistador: existe um momento crucial em sua trajetória de vida que a levou à sua prática artística e/ou investigativa? Qual seria este *turning point*?

Adriana Tabalipa: o desejo de fazer arte surgiu na infância. Ainda muito pequena, através de materiais, de brinquedos, enfim, dos objetos da casa, eu montava inúmeras situações instalativas [...]. Eu fazia reorganizações desses materiais e não queria que ninguém mexesse neles, pois já eram meus objetos de estudo. Hoje, eu vejo isso com a maior clareza. A brincadeira já era uma prática de experimentar coisas, de mexer com a materialidade do mundo, de criar esses lugares, esses ambientes [...]. Havia um olhar que buscava ver além do que as coisas realmente poderiam representar no cotidiano normal. Esse olhar já existia e, por isso, essas reorganizações e reconstruções já estavam presentes. Havia uma busca por uma nova forma de ver as coisas que já existiam. E, hoje, eu vejo que, na verdade, eu continuo fazendo a mesma coisa.

Então, o *turning point*, foi essa prática investigativa ao longo de vida. A criação desses mundos, minimundos e bigmundos [...] é uma busca para trazer à existência aquilo que não parece existir *a priori*, aquilo que só passa a existir quando você torna sensível ou dá um sentido e o impregna por uma poética.

Quais seriam os *turning points*? Situações em que a gente constrói certas estruturas internas e, também, externas e a capacidade de desconstruí-las. É como se você tivesse chegado a algum lugar e, então, você impõe a si mesmo o desafio de desconstruir completamente aquilo, para, novamente, se abrir [...]. É uma situação de autoexperimento contínuo.

Eu acredito que o artista é um eterno estudante. E, muito jovem, eu fui atrás de um conhecimento técnico. Com 10 anos de idade, no Museu Alfredo Andersen, e, depois com 13, no Museu da gravura do Solar do Barão [...]. E, claro, isso tem um lugar no mundo, é algo que move uma reflexão, que move um pensamento [...]. Na medida em que você está trabalhando [...], você, através das obras, está construindo uma poética, um conhecimento, uma jornada, e isso toca as pessoas e pode sensibilizá-las para uma série de questões.

Entrevistador: como pensa/percebe o papel/noção de *corpo* em sua prática de pesquisa e artística?

Adriana Tabalipa: eu sempre busquei fazer um trabalho de *performance art* na abertura das exposições, sobretudo, numa exposição individual. É como se a performance, o corpo, fosse o motor da obra, tal como Lygia Clark falava. É como se aquele corpo capacitasse de uma energia todas aquelas obras [...]. O corpo é o motor dessas obras [...] porque através da performance há o acionamento de uma energia que se estabelece através da prática da ação.

Todas as outras obras foram desenvolvidas dentro de um estúdio, nessa solitude da vida do artista. E o que eu realmente não curto é estar lá, em minha exposição, e ter que falar sobre as obras. É como se eu estivesse destruindo todas elas. A forma que eu tenho de receber as pessoas, da maneira mais digna, mais profunda, mais sagrada, é me entregando a elas como uma própria obra. Em minhas exposições individuais, eu estou em estado de potência poética, em estado total de presença, pois é como se eu me comunicasse [...] de uma maneira mais profunda e, ao mesmo tempo, mais sutil.

As minhas performances não têm um roteiro fechado [...], mas, sim, uma proposição e, dentro disso, o que realmente acontece é o que eu chamo de “entre”, a relação entre as pessoas que estão lá e aquilo que eu trouxe de mais profundo para aquele espaço. É uma entrega e uma ausência, é um presente-ausente.

Entrevistador: como pensa/percebe o *movimento* (fluxo, mecanismos, encadeamentos, metáforas) em sua prática de pesquisa/ artística?

Adriana Tabalipa: o corpo, no tempo e no espaço, é esse lugar dos sentidos. E a ação, que é o corpo se movendo no espaço, é o tempo, o movimento [...]. O desencadeamento da ação permite mover, oferecer uma intenção. De modo que o tempo é Deus. E o movimento é a oportunidade da “experiência de vida” para se estar nele. Pois tudo está em movimento. Se movendo no “tempo” que na verdade não existe!

Entrevistador: como figura a questão da *alteridade*, do outro, em seu pensamento sobre sua prática artística?

Adriana Tabalipa: a arte encontra o outro e, nesse encontro com o outro, a arte se faz. Seja uma narrativa, um discurso, uma proposição, ela acontece no encontro com o outro. É como se a arte nunca fosse algo totalmente completo em si mesmo. Percebo claramente que a arte não evolui, mas é como se através dela pudéssemos criar relações e um desenvolvimento em vários aspectos. É um lugar de encontro.

Na verdade, quando oportunizo uma proposição, um trabalho no mundo, a significação só se dá quando o outro vê, se aproxima, toca ou vivencia aquela experiência. E isso volta para o artista numa dinâmica que, muitas vezes, a gente nem está preparado para receber. É como se o outro viesse dizer “olha, isso é sobre...” e você mesmo tem consciência disso, mas quando o outro percebe, sua consciência dá mais um passo [...].

Fazer arte é como se você estivesse convidando o outro para sentir, fazer e se desenvolver em muitos níveis e camadas. É um desenvolvimento contínuo e isto é movimento.

Entrevistador: como você trabalha a noção de *espaço/espacialidade/lugar* e como você trabalha a noção de *tempo/duração* em sua prática investigativa e/ou artística?

Adriana Tabalipa: o que, para mim, é muito interessante nessa questão do espaço e do tempo é a percepção da multidimensionalidade [...]. A prática da performance, este estado de presença, instaura outro espaço [...]. Eu sinto que eu entro de uma forma e, quando eu saio, é como se eu tivesse vivido num estado [...] transcendente, que te leva para outra dimensão, e te põe numa conexão energética mais profunda com os outros [...].

Entrevistador: como você lida/vê a noção de *limite* em sua prática/manifestação artística?

Adriana Tabalipa: de duas formas.

Em primeiro lugar, me interessa muito que, no território da arte, a gente possa experimentar vários saberes, sem necessariamente nomeá-los. E, por isso, eu penso que as linguagens se multiplicam. Eu me vejo como uma artista que tecnicamente trabalha em vários meios. Inclusive, nesses experimentos todos, mesmo em práticas como na pintura, eu procuro sempre preservar o que cada prática, cada técnica tem dentro da sua linguagem, respeitando seus territórios.

Em segundo lugar, quando vemos grandes obras, quando temos a oportunidade de vê-las pessoalmente, elas nos entregam uma bagagem, uma força para você ir além, para você se autossuperar e ir adiante. E eu acho que o dia a dia do artista é uma autossuperação, é você se procurar ainda mais, se questionar mais um pouquinho, se desconstruir mais um pouco. Aí tem a questão do limite, é você flertar com o abismo e você se sentir seguro de estar ali, flertando com o abismo. O maravilhoso é que as obras de outros criadores nos fortalecem.

Entrevistador: qual é ou quais são as suas *referências*? O que alimenta o percurso de investigação e/ou criação? Estas referências estão pautadas no conjunto pertinente à sua própria linguagem ou são atravessadas pela interdisciplinaridade? Você gostaria de nos indicar alguma referência, como, por exemplo, um livro, um filme, um autor, uma imagem?

Adriana Tabalipa: são muitas! O artista precisa estar aberto e nunca se fechar a esses encontros. Eu tive encontros incríveis com obras e com autores. E, também, encontros que ocorreram somente por meio das obras. Há, através da obra, uma comunicação sutil.

Eu tenho referências em várias áreas, elas não são necessariamente na área das artes visuais, a área em que me propus a trabalhar. Eu gostaria de dar alguns nomes, mas é claro que, quando damos alguns nomes, nós estamos deixando de lado muitos outros [...], mas direi alguns que são, eu diria, companheiros...

Clarice Lispector, que fala comigo através da obra, e eu diria o mesmo da Hilda Hilst. Clarice Lispector, em “Paixão segundo G.H.”, que me marcou muito, e Hilda Hilst, com sua poesia, sobretudo, em “Do desejo”. Eu me sinto muito próxima a elas, como se eu conseguisse viver essas experiências propostas por elas através da literatura delas.

Eu gostaria muito de citar Andrei Tarkovsky e, dentre muitos outros diretores, Sergei Parajanov, pois “A cor da romã” é, para mim, uma obra genial. E também acrescentaria um filme que eu já vi muitas vezes e, a cada vez que eu vejo, parece que faz mais sentido e traz questionamentos que me interessam, que é o “2001: uma odisseia no espaço”, do Stanley Kubrick.

Dmítri Shostakóvich e Gustav Mahler, pois a música é muito importante para mim.

Eu também gostaria de citar o dadaísmo, como um todo, pois esse movimento me moveu e me move muito e gerou *turning points* quando eu estava aprendendo e quando já estava com minha vida consolidada na arte.

Ainda nas artes plásticas, eu preciso citar o encontro com a obra de Kazimir Malevich, que é um grande mestre, uma grande referência para mim.

O encontro que eu tive com “Guernica”, do Picasso, no Reina Sofia, foi uma experiência absolutamente impactante. Eu não poderia deixar de falar do encontro com essa obra, que realmente me deu uma força muito grande para ir além, ir adiante.

Eu não deixaria de falar de duas artistas visuais às quais me sinto muito conectada, Louise Bourgeois e Yayoi Kuzama.

E, por último, Hilma af Klint, cuja obra conheci mais recentemente.

E gostaria de deixar aqui registrado a oportunidade de ter podido estar e aprender pessoalmente com estes artistas incríveis da *performance art* na atualidade: Alastair Maclennan, Sandra Johnston, Alexander Del Re, Marilyn Arsem, Boris Nieslony, Karin Mayer, Marita Bullmann, Eduardo Amato, Elvira Santamaria, bem como os artistas do Bbeyond, Paerche, P.F. e Perfolink.

Entrevistador: há alguma pergunta que eu não lhe fiz e que você gostaria que eu tivesse perguntado? Se sim, qual?

Adriana Tabalipa: uma coisa que eu gostaria de dizer é que fazer arte não tem nada a ver com o meio da arte, ou melhor, com o sistema da arte. Essas duas coisas se influenciam, é claro, mas elas não têm muito a ver. Então, a pergunta que eu gostaria que você me fizesse é: em que medida o artista vê o desenvolvimento, o fazer de sua obra, e a sua relação com o sistema de arte e de toda essa construção que está em torno do ambiente da arte?

Acho que eu gostaria de falar sobre isso.

É como se a gente tivesse que fazer coisas para os outros, como se fosse algo esperado. E não é nada disso [...]. Na verdade, se está flertando com uma necessidade que não vem do processo criativo, mas, sim, uma necessidade que o sistema coloca de fora para dentro, e muitos artistas caem ou podem cair nessa armadilha de achar que estão produzindo para alguma coisa [...]. Isso é um risco muito grande, uma armadilha, pois nos desconecta da nossa essência [...]. A situação expositiva do artista gera uma atenção que não tem nada a ver com arte. E o problema disso é começar a produzir coisas que achamos que os outros esperam de nós. Mas é preciso continuar, independente das circunstâncias. Não podemos nos mover por aquilo que a sociedade, o mundo ou o sistema da arte quer de nós, pois eles querem que a gente faça a mesma obra, querem que a gente se repita. [...]. É preciso ter atenção e cuidado nesses caminhos que o próprio sistema nos coloca.

Recebido em: 30/01/2023

Aceito em: 17/03/2023